

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**JEAN-CLAUDE BIETTE – O TEATRO DAS MATÉRIAS**  
**8 e 10 de Janeiro de 2025**

**SALTIMBANK / 2003**

*Um filme de Jean-Claude Biette*

Realização e Argumento: Jean-Claude Biette / Direcção de Fotografia: Crystel Fournier / Direcção Artística: Xavier Lavant / Guarda-Roupa: Marie-Edith Simmoneaux / Som: Jerome Ayasse / Montagem: Claudine Merlin / Interpretação: Jeanne Balibar (Vanessa Bartholomioux), Jean-Christophe Bouvet (Bruno Saltim), Jean-Marc Barr (Frédéric Saltim), Pascal Cervo (Félix), Marilyne Canto (Eve La Rochelle), Michèle Moretti (Florence), Micheline Presle (Sra. Saltim), Ysé Tran (Margot Wai), Frédéric Norbert (Hans Kalender), Ima De Ranedo (Anna Maria Toldra), Noel Simsolo (Arthur Craven), Serge Renko (Nicolas), Hanns Zischler (Johann Kreisler), Margarita Broich (Maria Stuart), Gwenaelle Simon (Nadine), Pierre Hodgson (Harvey Summersale), etc.

Produção: Gemini Films / Produtor: Paulo Branco / Cópia em 35mm, colorida, falada em francês com legendagem em inglês e electrónica em português / Duração: 92 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: 28 de Outubro de 2009 (“Saudação a Jeanne Balibar”).

\*\*\*

**Saltimbank** foi o último filme de Jean-Claude Biette, que morreu inesperada e subitamente (aos 60 anos) em Junho de 2003, e já não chegou a assistir à estreia comercial do que ficou como o derradeiro título da sua obra. Biette definia-se cinematograficamente de maneira muito simples: era um “conteur”, um “contador de histórias”. Mas, para alguém como ele, o acto de “contar” sobrevoava as próprias histórias que eram contadas. Em todos os filmes de Biette, e **Saltimbank** não é excepção, mais do que *uma* história, há um cruzamento de histórias, e mais ainda do que um cruzamento de histórias há a frequente suposição de *outras* histórias para além das que são contadas – é de resto um dos pontos que torna Biette um “familiar” de Jacques Rivette, em cujo cinema abundam as suspeitas (os “complots”, reais ou hipotéticos) de histórias “escondidas” nos interstícios da história que é narrada.

A ideia de uma “rede” (ou de “réseau”, como dizem os franceses) subjacente à escolha dos actores e colaboradores de Biette, todos eles vindos “de trás” e nalguns casos até de muito atrás, é importantíssima na construção de **Saltimbank**. Há uma história de família, para começar: a família Saltim, cujas actividades e interesses se dividem entre a banca (o Saltimbank, belo trocadilho) e o teatro. E depois, há uma maneira de desenhar a narrativa, ou as narrativas, que se multiplica em personagens e funciona com base nas ligações entre elas, nos encontros e nos desencontros, nas presenças e nas ausências. Os pares e os trios refazem-se de cena para cena, e o “gag” perfeito é aquela cena no

restaurante onde se encontram várias personagens que se conhecem e já tínhamos ouvido a falar umas das outras mas, percebemos então, ainda não tínhamos visto juntas. É ao mesmo tempo totalmente artificial e totalmente naturalista, e este delicado equilíbrio encontra o seu ponto crucial no ambiente em que todos, de uma maneira ou de outra, se movem, o teatro.

Mesmo quando é o “teatro social”, como nas cenas em casa da matriarca dos Saltim (a veterana Micheline Presle), a quem a personagem de Jeanne Balibar vai ler textos de Voltaire. Ou ainda uma espécie de “teatro profissional”: quando o Saltim banqueiro (Jean-Marc Barr) oferece a Balibar um lugar na direcção do banco, não são justamente funções de *representação* o que ele lhe propõe? Pleno de ironia, e pleno de ternura por todas as suas personagens, sejam elas sedutores mais ou menos poltrões (os dois irmãos Saltim, Barr, o banqueiro, e o magnífico Jean-Christophe Bouvet, o diletante entusiasta teatral) ou criadores mais ou menos complexados e angustiados (o director do teatro ou Ana Maria, a encenadora), por **Saltimbank** perpassa esta sombra de uma angústia, diríamos muito “moderna”, a angústia do isolamento, da incompreensão, da incomunicação – e íamos acrescentar “a angústia pela falta de uma espécie de reflexo” quando nos lembramos que em **Saltimbank** Biette multiplica os espelhos (primeira cena: Bouvet na casa de banho, a fazer a toilette) e algumas das mais belas cenas (como o diálogo entre Balibar e o actor berlinense) decorrem perante espelhos. E será um acaso que nessa visita de Balibar a Berlim surja a personagem de Hanns Zischler, que tem o projecto de “ligar” os teatros de Berlim? Como “ligar” um mundo que foi “desligado”? Transposta para os circuitos da criação artística (e particularmente do teatro), e posta em articulação com os circuitos da finança representada pelo Saltimbank, a pergunta dá pano para mangas, e não juraríamos que não se trata da pergunta central de **Saltimbank**.

E “*tudo isto num modo anódino, capaz de enganar o espectador habituado aos efeitos de cinema, a uma escalada da tensão dramática que nunca acontece em Saltimbank, porque ‘não se passar nada ou acontecer tudo é indiferente’, como dizia Nietzsche, porque os acontecimentos raramente têm consequências...*”. E posta esta passagem roubada à crítica de **Saltimbank** escrita por Jean-Baptiste Morain nos *Inrockuptibles*, brilhante resumo do que Biette aqui filma e do modo como o filma, vejamos o filme.

Luís Miguel Oliveira.